



III Congresso Internacional do OBSERVARE  
17-18-19 de Maio 2017 | Fundação Gulbenkian

**BEYOND BORDERS**  
People, spaces, ideas

**PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS**  
Pessoas, espaços, ideias

## FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA, INTEGRAÇÃO SEM CONFLITO?

PAOLO TARGIONI<sup>1</sup>

O presente texto visa fornecer subsídios teóricos para entender o caso de Cáceres, uma pequena cidade fronteiriça brasileira a menos de 100 km da Bolívia, que conta com a presença de bolivianos lá residentes ou semi-residentes. Cidade de fronteira, à primeira vista sem conflitos fronteiriços nem eventos de tensão registrados entre locais e estrangeiros, Cáceres, aparenta ser uma exceção no cenário fronteiriço atual. Qual é a causa da exceção? Propomos os conceitos de “triangulação do desejo”, de René Girard, ou de “sociabilidade”, de Simmel, a fim de contribuir para elucidar o problema.

Sabemos que o conceito de cidadania é fundamental para entender a questão migratória: os conceitos de soberania, estado nacional, legalidade e ilegalidade estão todos ligados a esta concepção do cidadão. A noção de cidadania nasceu na Grécia antiga, estritamente ligada à noção de *polis*, porém para falar deste termo ao longo dos séculos o tempo que tenho para esta comunicação não seria suficiente e fugiríamos de seu objetivo. No entanto vale apenas lembrar que o modelo de cidadania no qual nos interessa focar é o que aparece com o surgimento dos Estados modernos e que terá como fundação o conceito de indivíduo. Conceito este que surgiu no final da idade média, mas que se firmará somente após este indivíduo se rebelar contra o poder do Estado Absolutista e o domínio da Igreja (pensemos em filósofos políticos como Hobbes, Locke, Rousseau ou nas revoluções liberais inglesas – séc. XVII - e na revolução francesa – sec. XVIII).

Nos dias de hoje a ideia de cidadania está estritamente ligada ao Estado-nação e se configura como uma consequência da

*incorporação do operariado no Estado-nação (que) tinha de resto começado muito antes com a progressiva extensão aos trabalhadores dos direitos de cidadania, um longo processo histórico que continuou no período entre guerras e no pós-guerra e que veio a implicar uma profunda transformação do Estado: a transformação do Estado liberal no Estado-Providência (SANTOS, 2015, p. 38).*

<sup>1</sup> Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (Brasil), docente de sociologia no Instituto Federal de Mato Grosso. E-mail de contato: [ptargioni@gmail.com](mailto:ptargioni@gmail.com)



Podemos considerar a cidadania como uma condição humana que possui um conjunto de elementos característicos, tais como a participação política (tanto ativa como passiva), a liberdade, a equidade, a garantia de certos direitos, e obviamente um certo grau de acessibilidade a bens, serviços e equipamentos sociais.

O que acontece quando no meio destes cidadãos, que já possuem este rol de direitos por nascença, aparecem uns estranhos, umas pessoas que não participaram da construção deste Estado (construção sempre *in fieri*, é bom lembrar), mas que pretendem, a partir da própria presença, começar a fazer parte dele? Surgem as noções de migrante e, mais recentemente, a de migrante ilegal.

A figura do imigrante ilegal assumiu importância há relativamente pouco tempo, orientativamente a partir das mudanças do capitalismo que se iniciaram na década de 70. Podemos perceber, portanto, como há umnexo forte entre a flexibilização do mercado, a consequente transformação das economias que acompanharam esta flexibilização e o aparecimento dos ilegais. Tudo isto nos fornece um ponto de vista importante para criticar a naturalidade da ilegalidade ou clandestinidade, e ao mesmo tempo permite sublinhar a implicação dos processos de ilegalização nos caminhos que levaram à atual crise de cidadania.

Segundo Stefano Mezzadra (2015) a noção de cidadania é um ponto importante a ser questionado para entender as migrações. Conforme o autor, a noção de cidadania (como usada nas pesquisas, na mídia, na política etc.) é o termômetro por meio do qual costumamos colocar os migrantes em uma escala que varia de proteção para expulsão, de regularidade para clandestinidade.

Para melhor entender isto pensamos no migrante ilegal, aquele que não possui a cidadania. O autor (idem) o define como criador do “corpo estrangeiro”: uma figura interna que confirma o valor da nossa cidadania e que, assim como em um espelho podemos nos observar melhor, nesse espelhamento, portanto, podemos ver nossas particularidades e nossas especificidades. O resultado deste olhar num espelho serve para confirmar a nossa estabilidade e validade legais (contrapostos a este ilegal) como cidadãos.

Abdelmalek Sayad chama esta função, que no caso analisado o imigrante ilegal desempenha, de “função de espelho da migração” (SAYAD, 2002). O migrante ilegal serve *para desvendar o que é escondido, para revelar aquilo que se tem interesse em ignorar, deixar num estado de “inocência” ou “ignorância social”* (SAYAD, 1966, p.10). Na opinião de Alessandro Dal Lago, *os migrantes seriam aqueles que, só pelo fato de existir entre nós, nos obrigam a revelar quem nós somos: nos discursos que proferimos, nos saberes que produzimos, na identidade política que reivindicamos* (DAL LAGO 2004, p.13).

Nesse conceito de “corpo estrangeiro” há uma produção de subjetividade importante que cria *a figura monstruosa (e interna) de alteridade que confirma a estabilidade e a validade do código da cidadania e do “corpo do cidadão”* (BALIBAR, 2011, *apud* MEZZADRA, 2015, P.14). Este fantasma por nós criado internamente se soma aos fantasmas da linguagem e da raça, junto a outros estereótipos, e criam este “outro interno” num patamar que gera medo e que destrói o tecido social. Tecido social entendido como algo que une os componentes de uma comunidade (pensemos em Toennies), algo que junta a trama e o urdume de um grupo para harmonizar o dia a dia dos componentes deste. Ele é criado por meio do trabalho árduo dos vários membros, porém, quando por algum motivo se têm migrações e movimentos de massa, refugiados políticos e econômicos que se movem de um lado a outro do mundo, que se estabelecem em lugares distintos por causa de fatores externos, então este tecido social acaba se esgarçando com facilidade.

Por causa destes movimentos vemos frequentemente notícias de intolerância em relação a estrangeiros. Desde a época dos gregos (TODOROV, 2010), que consideravam bárbaros aqueles que falavam mal sua língua, até hoje (pensamos nos problemas que a União Europeia tem neste momento em relação aos migrantes e aos refugiados) a relação entre autóctone e estrangeiro sempre foi uma relação de tensão, e o Brasil não foge deste cenário. Nesse País também existem estes problemas, estas tensões estão presentes no seu dia a dia.

Para sublinhar esta sensação de mal estar, este espectro pensamos naquele que Simmel (2006) chama de *geselligkeit*: o prazer da companhia recíproca. Se trata, conforme diz o sociólogo alemão, de algo universal que acompanha o ser humano ao longo de toda sua vida (duas palavras no café, um jantar entre amigos etc.). O que acontece, pergunta Simmel, se nesta interação entra uma quantidade



significativa de estrangeiros? Com certeza a *geselligkeit* vai diminuir, porém, ao mesmo tempo tem algo que aumenta: a consciência social. A chegada de um estrangeiro pode levar os outros a refletir sobre valores que se pensavam fixos.

Entra aqui a ideia de Simmel de atitude *blasé*: o autóctone nem sempre demonstra seu mal estar em relação aos estrangeiros, ele pode transformar sua *geselligkeit* em *vergesellschaftung* (sociabilidade).

Sociabilidade segundo Sennett (2012) não no sentido que a sociologia moderna dá a esta palavra, mas no sentido que os franceses dão à palavra *sociabilité*: a capacidade de se “virar” em situações delicadas e hostis, um *savoir faire*, um sentimento que é primo da empatia (que é diferente da simpatia, não se trata de um “estou sofrendo junto a você”, mas “entendo seu mal estar”), é um sentimento que se sedimenta em profundidade, reconhece a diferença e as feridas que podem vir destas, mas não faz nada para curá-las.

Para entender melhor este conceito Simmel (2006) compara a sociabilidade à *verbindung*, que significa a ação de se por em ligação para reconstruir uma unidade que não tem mais, para sarar um corte. A sociabilidade não é de um ativo aproximar-se ao outro, um agir juntos, é mais uma consciência recíproca (contrasta portanto com a solidariedade), “eu sei quem você é e o que você pensa, te conheço, te respeito, mas não mudo meu ser por causa disso”. Simmel prega a tolerância antes da unidade: a sociabilidade diz que devemos aceitar o estrangeiro como recurso para a nossa sociedade.

Surge, porém, uma questão interessante no momento em que analisamos a realidade de certa fronteira: o que vemos no Brasil, na cidade de Cáceres, localizada no sudoeste mato-grossense, fronteira com a Bolívia, cidade de passagem de grande parte do tráfico de drogas que entra no País e que hospeda um grande número de imigrantes, parece ser uma tendência oposta ao que vemos nas outras cidades. Aparentemente, pelas entrevistas exploratórias que conduzimos até o presente momento com alguns imigrantes e alguns autóctones, apesar de a taxa de imigração ser bem alta, não temos percepção de problemas sociais ou tensão em relação a isto. Qual é, então, o motivo que faz esta cidade ser mais tolerante? Por qual motivo em alguns lugares alguns imigrantes são perseguidos e em outros não? O que acontece que faz com que algumas sociedades sejam extremamente intolerantes em relação aos estrangeiros e outras não?

René Girard (2009) tem uma teoria interessante que poderia explicar esta questão: a ideia de triangulação do desejo. Ele conduz uma análise sobre textos de grandes obras literárias da narrativa ocidental e nestas encontra uma problemática nova. Em vez de existir uma relação direta entre sujeito e objeto desejado por este, Girard sugere um triângulo entre um objeto, alguém que possui ou pode possuir este objeto e um terceiro canto do triângulo, um outro sujeito que deseja o objeto por este estar nas mãos do adversário. Este último inveja a pessoa que possui o objeto e sente mais satisfação no fato do outro não o possuir do que na posse em si. A hipótese girardiana se baseia, portanto, num desejo que se conscientiza apenas quando um potencial adversário passa a ter a possibilidade de possuir o mesmo objeto que o primeiro possui.

Neste ponto entra o conflito em relação aos estrangeiros: até o momento em que eles não disputam a posse (ou a possibilidade da posse) de alguns objetos ou símbolos (emprego, status, bens, etc.) não há conflito. No momento em que os imigrantes chegam e começam a poder possuir estes mesmos objetos que os autóctones possuem, surge a triangulação do desejo e nasce o conflito.

É fundamental lembrar que o problema da imigração não está associado exclusivamente a dados estatísticos, há uma componente subjetiva extremamente importante que compete com a estatística para a percepção de um problema ou de uma questão

Outra pergunta que deveria ser respondida e que talvez tenha ligação com esta situação é se os imigrantes bolivianos fazem parte da sociedade na qual eles vivem ou não. René Girard (2004), para explicar uma eventual situação de perseguição, introduz a figura do bode expiatório. O “animal” que deve ser sacrificado em momentos de crise social, segundo o autor francês, é alguém que precisa fazer parte da sociedade, mas ao mesmo tempo precisa ser estranho a ela. Se pensarmos no povo considerado estrangeiro por excelência, os Judeus, lembramos automaticamente de uma história de intolerância extrema, de *pogroms* e de violência. O judeu está sim na sociedade, participa plena-



mente dela, mas ao mesmo tempo está fora dela, é excluído dela ao viver seguindo seus próprios costumes, confinado em um gueto separado do resto do aglomerado urbano. Se torna assim o bode expiatório sobre o qual os cidadãos descontam a violência em momentos de tensão extrema segundo a teoria de Girard.

Já o imigrante boliviano em Cáceres aparentemente está fora da sociedade cacerense, ele não se encaixa nela, ele não quer ser um membro pleno, não participa do dia a dia do cacerense, não desenvolve funções sociais nesta sociedade. Em geral os imigrantes bolivianos residentes trabalham com comércio de roupas e outros acessórios na redondeza da rodoviária da cidade, trazem produtos mais baratos da cidade boliviana de San Matias e os vendem para os que passam por lá. Outra situação que poderia gerar tensão é a situação médico - sanitária da cidade em relação a esta migração. Há um número interessante de bolivianos que diariamente atravessam a fronteira para serem atendidos gratuitamente no hospital público da cidade e, após isto, voltam para a cidade fronteira de San Matias. Aparentemente além de alguma momentânea manifestação de incômodo por parte de quem atende, não há a menor tensão nas relações.

Voltando a falar de René Girard (2009) é interessante neste caso pensar na sua teoria de triangulação do desejo como uma possível maneira de explicar esta estranha situação: diz Girard que o que gera tensão é o fato de alguém possuir algo que eu poderia ter mas não consegui. Vamos tentar aplicar a triangulação do desejo à situação analisada: se o boliviano passasse a querer fazer parte da elite da cidade, quisesse assumir papéis importantes na administração desta, quisesse ocupar os espaços ocupados pela elite tradicional da cidade, por exemplo, ou quisesse fazer parte mesmo desta elite, isso geraria um problema, pois ele passaria a desejar as mesmas coisas que o cacerense deseja e aconteceria o problema mencionado acima, resultado da triangulação do desejo.

A cidade boliviana de San Matias fica a 700 km de sua capital de província Santa Cruz de la Sierra. Destes 700 km, 300 são sem asfalto. Situada ao lado da fronteira brasileira, a 90 km de distância (estrada em ótimas condições) de Cáceres em Mato Grosso, acabou tendo a cidade brasileira como referência para vários assuntos. San Matias nos últimos anos perdeu 30% dos seus moradores que migraram para o Brasil, e grande parte dos que lá ainda moram, passam o maior período do seu dia no Brasil, voltando para o próprio País, muitas vezes apenas para descansar.

Assim como acontece em todas as regiões de fronteira, sabemos que há trocas e benefícios para ambas as partes dos dois lados da divisa. Sabemos também que normalmente existe uma tensão, mais ou menos manifesta, mais ou menos latente que pode ou não ser percebida tanto pelos autóctones como pelos imigrantes, devido a este desequilíbrio nas microrelações sociais dos dois lados da fronteira. As configurações das relações de poder supostamente deveriam gerar tensões entre os habitantes, contudo as primeiras entrevistas exploratórias parecem dar razão à nossa hipótese. Estas questões fazem parte de um trabalho de pesquisa que está apenas em seu começo, portanto, ainda não temos dados suficientes para apresentar uma conclusão mais delineada.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, José Lindomar C. *A dinâmica das fronteiras. Os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e Paraguai*. São Paulo: Annablume, 2010.
- ARENDDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia de bolso, 2012.
- DAL LAGO, Alessandro. *Non persone. L'esclusione dei migranti in una società globale*. Milão: Feltrinelli, 2004.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1990.
- GIRARD, René. *O bode expiatório*. São Paulo: Paulus, 2004.
- GIRARD, René. *Mentira romântica e verdade romanesca*. São Paulo: É Realizações Editora, 2009.
- GUISARD, Luís Augusto de Mola. *O bugre, um João-Ninguém: um personagem brasileiro*. São Paulo: São Paulo em Perspectiva, v. 13, p. 92-99, 1999.
- MEZZADRA, Stefano. *Multiplicação das fronteiras e práticas de mobilidade*. Em: REMHU - Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana, Brasília, Ano XXIII, n. 44, p. 11-30, jan./jun. 2015.
- NOLASCO, Carlos. *Migrações internacionais. Conceitos, tipologias e teorias*. Coimbra, Oficina do CES nº 434, Março 2016.
- OLIVEIRA, Marcio Piñon de. *Um conceito de cidadania para se trabalhar a cidade*. Em: Revista GEOgraphia – ano 1 – Nº 1 – 1999.
- SAYAD, Abdelmalek. *La doppia assenza: dalle illusioni dell'emigrato alle sofferenze dell'immigrato*. Milão: Cortina, 2002.
- SAYAD, Abdelmalek. *La doppia pena del migrante. Riflessioni sul pensiero di stato*. Em "Aut Aut" nº 275, 1966.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Modernidade, identidade e a cultura da fronteira*. Em: Tempo Social; rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5 (1-2): 31-52, 1993.
- SENNETT, Richard. *Juntos. Os rituais, os prazeres e a política da cooperação*. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- TODOROV, Tzvetan. *O medo dos bárbaros. Para além do choque de civilizações*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- TONNIES, Ferdinand. *Comunità e società*. Roma – Bari: Laterza, 2011.
- TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. *Patrícios. Sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1995.



